

DISPUTAS, CONFLITOS E ARTICULAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO SABER FUTEBOLÍSTICO

Enrico Spaggiari¹

Resumo: Pretendo analisar distintas propostas e métodos de ensino-aprendizagem futebolístico com base em pesquisa realizada na escolinha de futebol de um Clube Desportivo Municipal localizado na Cidade Líder, bairro periférico da zona leste paulistana. A partir de uma etnografia das aulas, treinos e jogos, bem como das demais atividades praticadas naquele espaço, faço uma discussão crítica sobre as propostas de ensino do futebol a crianças e jovens a partir de questões envolvendo certas polaridades, como saber teórico/saber prático e amadorismo/profissionalismo.

Palavras-chave: Antropologia do esporte; escolinha de futebol; periferia.

DISPUTES, CONFLICTS AND ARTICULATIONS IN THE CONSTRUCTION OF FOOTBALL KNOWLEDGE

Abstract: This article aims to analyze the different proposals and methods of football teaching-learning based on research conducted at the soccer school of a Municipal Sports Club located in Cidade Líder, eastern suburb of São Paulo area. From an ethnography of classes, practices and games, as well as other activities performed in that space, I make a critical discussion on the proposed of football teaching to children and youth from issues involving certain polarities, as theoretical knowledge/practical knowledge and amateurism/professionalism.

Keywords: Anthropology of sport; football school; suburb.

1. Introdução

Pretendo analisar distintas propostas e caminhos para o ensino de futebol, tendo em vista, porém, que se trata na verdade de um processo de ensino-aprendizagem futebolístico, pois existem diferenças entre o modo de aprender e o modo de ensinar. Tenho como base uma a pesquisa desenvolvida

¹ Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (USP). Bolsista FAPESP. Editor do website Ludopédio (www.ludopedio.com.br), São Paulo, Brasil. E-mail: enricospaggiari@yahoo.com.br

para o mestrado, entre 2007 e 2009, cujo objetivo principal foi realizar uma etnografia sobre o ensino e aprendizado da prática futebolística para crianças e jovens de alguns bairros de São Paulo.

Realizei as observações na escolinha de futebol do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder,² na zona leste paulistana, onde pude acompanhar as aulas, treinos e jogos relacionados à escolinha do CDM, como também as demais atividades praticadas naquele espaço, e assim observar as relações construídas entre os diversos atores locais (crianças, jovens, jogadores de várzea, pais e mães, olheiros, empresários e outros).

O CDM Cidade Líder é um dos Clubes Desportivos Municipais (CDMs) da cidade de São Paulo.³ Criado em 1979, o CDM Cidade Líder é um importante equipamento esportivo e de lazer devido à carência de espaços na cidade de São Paulo para o exercício de tais práticas. Frente à expansão urbana e estruturação de serviços públicos, as áreas para a prática esportiva, parte delas não regulamentada para o seu uso, teriam sido os principais alvos de desapropriação e ocupação. Área pública gerenciada por um conselho local, o CDM Cidade Líder foi criado para oferecer atividades, equipamentos e estrutura esportiva; uma resposta, assim, à crescente diminuição de áreas públicas destinadas ao esporte e lazer. Em várias regiões da cidade, tal como ocorre na Cidade Líder, parte dos jogos e torneios de futebol de várzea, disputados aos finais de semana, ocorre nos campos dos CDMs.

Criado pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME) de São Paulo, e conveniado ao Programa Segundo Tempo do Ministério do

² Atual CDC (Clube da Comunidade). Utilizarei nesse artigo a antiga denominação, tal como foi observado ao longo da pesquisa.

³ Unidades descentralizadas do Município de São Paulo, de administração indireta, geridas por duas ou mais entidades civis sem fins lucrativos, regularmente constituídas, com o objetivo primordial de desenvolver atividade desportiva em imóvel público, especialmente cedido a título precário para esse fim. A administração é exercida por uma sociedade civil, regularmente constituída e registrada, integrada por membros das entidades administradoras, que compõem a Diretoria Gestora, o Conselho Fiscal e o Conselho Gestor, cujos membros são eleitos pelos sócios dessas entidades participantes e da população do entorno das instalações físicas dos CDMs. A manutenção dos Clubes Desportivos Municipais é de responsabilidade dessa diretoria eleita.

Esporte, o Programa Mais Esporte é desenvolvido em áreas mais periféricas da cidade, com a atuação de ex-atletas de diferentes modalidades como difusores. O objetivo do programa é oferecer às crianças e jovens, na faixa etária de 7 a 17 anos, matriculados na rede de ensino da cidade de São Paulo, um conjunto de atividades esportivas e recreativas em horário complementar ao de suas aulas normais, por meio das escolinhas de futebol organizadas nos CDMs e outros equipamentos esportivos, localizados principalmente em bairros periféricos.

De modo geral, nas diferentes formas de divulgação do programa, os formuladores do projeto publicizam uma preocupação em atender crianças e adolescentes das periferias paulistanas, locais tidos como espaços com poucas opções de lazer e esporte. Faz parte do planejamento do programa a distribuição de merendas após cada treino, compostas de biscoitos e achocolatado, como complemento à alimentação recebida em casa e na escola. Além disso, a Prefeitura fornece os meios de transporte para as partidas dos campeonatos e para os passeios educativos (REVISTA MAIS ESPORTE, 2004).⁴

Um dos pontos-chaves do programa, segundo seus formuladores, é a parceria com ex-atletas de renome, que atuam como *difusores*, cuja função seria “lidar com crianças carentes”⁵. Além da imagem destes atletas, aposta-se nos seus contatos e vínculos com clubes, equipes, empresários e outros agentes. Composta por mais de 65 ex-atletas de diversas modalidades e ex-jogadores de futebol, a equipe futebolística conta com ex-jogadores famosos, vários com passagem pela Seleção Brasileira.⁶ Faz-se uso, portanto, de agentes vinculados à história do esporte e do futebol como referências positivas para as crianças e jovens.

Neste artigo, faço uma discussão crítica sobre as propostas de processo de ensino-aprendizagem a crianças e jovens a partir de questões envolvendo

⁴ REVISTA MAIS ESPORTE. Ano 1. N.1. Nov.2004.

⁵ Segundo alguns difusores, que conheci ao longo da pesquisa, a maioria dos ex-jogadores já atuava na Secretaria Municipal de Esportes por meio de contratos individuais de prestação de serviços. Esses contratos eram, porém, constantemente interrompidos. Por meio de concorrência pública, a SEME organizou contratos mais longos diretamente com a Cooperativa de Trabalho de Esportistas Prático, da qual os ex-jogadores fazem parte.

⁶ Entre eles: Coutinho, Badeco, Geraldão, Mengálvio, Basílio, Felix, Leivinha, Ataliba e Edu Bala (REVISTA MAIS ESPORTE, 2004).

certas polaridades, como saber teórico/saber prático e amadorismo/profissionalismo, acionadas por três atores vinculados ao ensino de futebol na escolinha: Valdir, coordenador do CDM Cidade Líder e ligado ao futebol varzeano do bairro desde a década de 1960 (como jogador, técnico e dirigente do clube Botafogo da Cidade Líder); Mauro, ex-jogador de futebol profissional que atuou em diversos clubes, com passagem pela Sociedade Esportiva Palmeiras ao final da década de 1970, e que comandava diariamente, nos períodos matutino e vespertino, as atividades da escolinha; e Renato, professor de Educação Física que ministra aulas para escolas e entidades da região no espaço do CDM.⁷ Professores e treinadores que precisam, ao elaborar e operar métodos e técnicas de ensino, enfrentar cotidianamente um conjunto heterogêneo de sentidos conferidos ao futebol, “uma atividade dotada de uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista” (DaMatta, 1994, p.12).⁸

Vale ressaltar, portanto, que este trabalho foca os conflitos e articulações envolvendo os treinadores e professores de uma escolinha de futebol. Assim, analisarei de forma detida as práticas, trajetórias e relações entre três dos principais atores responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem no local pesquisado. Sobre a atuação das crianças e jovens como sujeitos ativos na construção das dinâmicas do saber futebolístico, conferir Spaggiari (2009).⁹

De forma complementar, incorporo à análise algumas publicações editoriais voltadas ao ensino e aprendizado das práticas futebolísticas.¹⁰

⁷ Nomes fictícios para resguardar as identidades dos atores pesquisados

⁸ DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. *Revista USP*. Dossiê Futebol, São Paulo, n° 22, p.10 - 17, 1994.

⁹ SPAGGIARI, Enrico. Meu professor é a bola : a dinâmica multifacetada do aprendizado futebolístico. *Ponto.Urbe*, v. 5, p. 5, 2009.

¹⁰ Embora sejam publicações restritas e de pouco alcance, Toledo (2000, 20) lembra que “os manuais técnicos e, em última análise, as regras e os ‘segredos’ do jogo nunca deixaram de ser publicados, a despeito do pouco interesse mercadológico que despertam entre os torcedores, permanecendo como mananciais de uma linguagem esportiva compartilhada por todos, dos profissionais aos boleiros e peladeiros de finais de semana por todo o país”. Vale observar que

Trabalharei com *Pedagogia do Futebol*, de João Batista Freire, e com um manual de um ex-jogador de futebol e duas jornalistas esportivas, *Para ser jogador de futebol*, centrado no ex-jogador Raí.¹¹ Portanto, ao analisar regras, fundamentos, metodologias de ensino e treinamento da prática futebolística veiculados por estas obras, pretendo compreender alguns significados que permeiam o universo futebolístico.

2. Saber prático e saber teórico

Nas manhãs e começos de tarde era comum andar pelas ruas do bairro e encontrar garotos calçando chinelos, vestindo calções e camisas de times, segurando bolsas esportivas ou chuteiras nas mãos, caminhando em direção ao CDM. Alguns vinham em grupos, com os quais também voltavam para casa. Nessa volta, os calções e camisas, na maioria das vezes, estavam sujos, principalmente nos dias de chuva, quando o campo do CDM virava lama. O campo varzeano é todo de terra batida, sem pontos dispersos de grama. No almoxarifado da administração, ao lado da sala de Valdir, eram guardadas as bolas, já muito desgastadas, e demais equipamentos, como cones, cordas e coletes.¹² Para se inscrever na escolinha, os pais ou responsáveis deveriam preencher um formulário com as principais informações sobre a criança. No momento da inscrição, pagava-se R\$10,00 para o gasto com equipamentos e materiais. Era o único valor cobrado, visto que não havia mensalidades. Diferente, portanto, de inúmeras escolinhas de futebol por toda a cidade de São

a constante atualização destes manuais faz-se necessária devido às inúmeras modificações na prática do futebol, bem como no modo de assisti-lo e de vivenciá-lo (Toledo, 2002).

¹¹ A escolha destas obras não foi arbitrária. Privilegiei, nesta seleção, obras e autores sugeridos por alguns dos sujeitos pesquisados: Renato, ex-aluno da escolinha do CDM Cidade Líder e atualmente professor de educação física, comentou ter como referencial teórico as propostas de Freire, obra que conheceu com o professor Alcides Scaglia nas aulas de pós-graduação da Universidade Gama Filho; João Carlos, pai de um aluno do CDM Cidade Líder, comentou que comprara o livro do Raí para o filho, pois “se é para aprender, já aprende com um são-paulino”, afirmou. FREIRE, João B. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Autores Associados, 2006. 98 p. RAÍ; FRANCINE, S.; LACOMBE, M. *Para ser jogador de futebol: dicas de um campeão para você se tornar um jogador profissional de sucesso*. São Paulo: Jaboticaba, 2005. 128 p.

¹² Para completar a infra-estrutura, eram três vestiários e uma bica com torneira, entre os banheiros masculino e feminino.

Paulo que cobram mensalidades, de variados valores, sendo que muitas chegam a cobrar mais de R\$50,00.¹³

Além disso, para participar das atividades da escolinha do CDM, a criança devia estar matriculada em alguma escola, o que revela, novamente, a preocupação social do projeto. Embora este ponto fosse reforçado pela fala de Valdir, não observei medidas de controle e acompanhamento, por parte da escolinha, do desempenho escolar dos alunos. Em alguns momentos, pais vieram a proibir a presença de seus filhos na escolinha devido às notas baixas. Mas não havia liames visíveis entre o trabalho educacional da escolinha e o das escolas de ensino fundamental e médio do bairro.

Os treinamentos ocorriam de terça-feira à sexta-feira, em dois períodos: das 9h às 11h e das 15h às 17h. Se um garoto participava dos dois dias de treinamento a que tinha direito, em um dos períodos possíveis, totalizava quatro horas semanais de escolinha. Ocasionalmente, ocorriam treinos aos sábados de manhã. A escolinha era destinada a crianças e jovens de 7 a 17 anos.¹⁴

A principal razão para essa divisão era a preocupação de igualar os praticantes de acordo com suas proporções físicas, para evitar que garotos em diferentes fases de desenvolvimento entrassem numa disputa corporal, o que poderia prejudicar os de menor idade. Em alguns momentos, Valdir alterou horários, passando os garotos de treze anos para as turmas de terça e quinta-feira, pois as turmas nesses dias estavam esvaziadas, enquanto que nas quartas e sextas havia muito mais jovens. Tais mudanças interferiam significativamente na dinâmica das atividades. Contudo, não observei qualquer exceção em virtude do porte físico ou da qualidade técnica dos jovens: mesmo se fosse muito maior que os garotos de sua idade, o aluno em questão não era deslocado para uma categoria de idade superior à sua.

Diversos materiais eram utilizados durante os treinos: cordas, aros, cones,

¹³ Esta era a média de preço, segundo os pais de alguns alunos matriculados na escolinha de futebol Elite, de Itaquera, que utilizava o campo do CDM nas noites de segunda e quarta-feira.

¹⁴ Ao longo da pesquisa, ocorreram algumas mudanças, mas as terças e quintas eram destinadas para as crianças entre 7 e 12 anos, enquanto que as quartas e sextas eram para os jovens entre 13 e 17 anos.

bastões, além das bolas. Pouco presenciei o uso de materiais didáticos diferentes, como manuais e vídeos. Certo dia, Valdir mostrou um livro antigo, já sem capa, que trazia as regras do esporte e os principais elementos pertencentes ao jogo: fundamentos, táticas, preparação física e estatísticas já desatualizadas. Nessa ocasião, mostrou uma “folha tática”, como ele denominou; nela, um desenho do campo de futebol, com as onze posições assinaladas, cada uma com flechas indicando as direções para representar as funções desempenhadas pelo jogador responsável por sua posição.

Valdir afirmou que antes utilizava estes materiais para responder às dúvidas dos jovens, bem como para ilustrar alguns ensinamentos nos quais as crianças apresentavam dificuldades de compreensão. “Tem hora que aqueles gestos e frases típicos do campo não dão certo”, ele comentou, embora defendesse um aprendizado pautado principalmente no que é vivido durante os jogos, no entendimento das regras, no contato com a bola etc.

Questionei algumas crianças sobre a importância do uso de livros e outros materiais impressos nas aulas. Recebi somente críticas: “Livro é na escola, sai fora!”, gritou Cauê (95).¹⁵ As crianças refutavam, assim, que o ensino de futebol fosse realizado do mesmo modo que as disciplinas tradicionais que tinham na escola. Em seguida, Guilherme (94) sentenciou: “Até parece que dá para aprender futebol num livro. Não tem essa não!” Isso vai de encontro à fala de José Caio (95), quando respondeu como tinha aprendido alguns truques hábeis: “Fico no quintal de casa, batendo bola na parede, treinando... só eu e a bola. Demorei um tanto para aprender a dar essa carretilha”.

Deste modo, embora seja interessante a adição de outras linguagens didáticas aos recursos atuais de ensino utilizados na escolinha, no que diz respeito à internalização dos aspectos teóricos, pode-se afirmar que não havia

¹⁵ Farei um uso sistemático destas indicações entre parênteses, que fazem referência ao ano de nascimento do entrevistado. Por exemplo: Renan (92) indica que ele nasceu em 1992, Marcos (01) assinala que ele nasceu em 2001. O objetivo é evidenciar a idade das crianças e adolescentes. A categoria etária é uma informação essencial nos universos dos recortes pesquisados, pois define: momento da iniciação esportiva, etapas do aprendizado, momento das tentativas de consolidação da carreira de jogador, idade escolar, procura de empregos, etc. Saber, por exemplo, que Rodrigo (90) pretende tentar carreira até o final de 2009, permite compreender que o próprio jovem sabe que não terá muitas chances a partir do ano seguinte.

mediações escritas entre o ensino e a aprendizagem corporal: tudo era feito ali no campo, na prática, distante das teorias.¹⁶

A aprendizagem teórica foi, em diversos momentos, desqualificada por Mauro, principalmente quando comparavam seus métodos de ensino aos de Renato (85), ex-aluno da escolinha e hoje professor de Educação Física em colégios da região. Para Mauro, o professor Renato possuía somente a teoria, o que não seria insuficiente para a transmissão do saber futebolístico, pois os elementos principais seriam transmitidos pelo conhecimento prático. Faltaria a ele aquilo que Mauro mais valorizava: a experiência de um dia ter sido jogador de futebol profissional. Quando Valdir certa vez postulou uma possível parceria dos dois professores na escolinha, Mauro foi enfático: “O professor sou eu e ponto final. O que ele pode fazer é ser meu auxiliar, cuidar mais da parte de treinamento físico, enquanto eu cuido dos treinos com bola”. Renato, por seu lado, preferia nem entrar na discussão. Acreditava que tal parceria não daria certo, pois os conhecimentos e métodos de ambos eram bem diferentes.

Deste modo, o profissional de Educação Física e o ex-jogador procuravam se distanciar em alguns pontos da aplicação dos treinos, opondo, em certos momentos, um saber acadêmico aprendido nas salas de faculdade, valorizado pelos poucos pais com quem teve contato, e um saber prático oriundo da experiência de jogador profissional, também valorizado pelos pais. Assim, tal dissociação entre saber teórico e prático não era compartilhada pelos pais, que preferiam enfatizar a importância das duas formas de ensino para a continuidade do trabalho.

Se Mauro buscava reafirmar sua experiência de jogador, ou seja, seu conhecimento prático, Renato procurava aplicar, em suas aulas, métodos de ensino que aprendeu durante os anos de estudo na faculdade. Embora tenha

¹⁶ O que também foi verificado por Wacquant (2002, 121) em seu aprendizado com Dee Dee, treinador da academia de boxe que rejeitava o uso de manuais no ensino desse esporte: “Não é lendo livros que você aprende a boxear. Eu conheço bem esses livros, lá dentro tem fotos e desenhos que mostram como colocar os pés e os braços, o ângulo que o teu braço direito faz e tudo isso, mas é tudo de araque! Você não tem o menor sentido de movimento. O boxe é movimento, é o movimento que conta”. WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2002.

tido uma trajetória bem diversificada ao longo de seus estudos, confirmou que sua especialização foi em Métodos de Ensino de Esporte, temática que já vem experimentando na forma aplicada.¹⁷ Isso podia ser verificado nas manhãs e tardes de segunda a sexta-feira, na quadra poliesportiva do CDM, onde Renato ministrava aulas de diferentes esportes – futsal, voleibol, basquete, handebol –, para meninos e meninas de algumas escolas do bairro. Porém, como o próprio Renato reconheceu, só na prática é que se tem contato com as outras inúmeras variáveis, dificuldades e obstáculos na construção do ensino. Variáveis que não eram abordadas nos cursos acadêmicos, e possíveis de perceber na transmissão do saber futebolístico por meio do conhecimento prático:

E: Como é ensinar criança hoje, já que você sempre fez aula aqui?
Renato: É legal (risos). Criança é uma peste, não para de falar. Porque é da idade, normal, todo mundo faz isso. Têm uns que são mais educadinhos, têm outros que não são, e principalmente essas crianças são carentes, sabe? O pai e a mãe não dão um pingão de atenção para eles. Se você chega aqui com um pouco de atenção eles vão gostar de você, só que ao mesmo tempo é do feitio deles ser meio folgados. Mesmo porque, se eles forem ser laranjão lá onde eles moram, eles vão ser zoados até não querer mais. Então você tem que ser ligeiro. Palavrão eu tento evitar sempre na aula, mas uma hora os moleques vão falar porque eles ficam lá comigo duas horas, duas horas sem falar palavrão, mas ficam mais dezoito horas, sei lá mais quantas horas, só falando palavrão. Tipo, escutando da mãe, do pai, na escola. Pô, parece que não, mas é difícil aqui. Tenho um amigo que trabalha com a mesma coisa que eu, só que ele trabalha no.... ah, não lembro o nome do clube, mas o clube é tipo o Sírio Libanês. Só gente de grana, muita grana. O moleque chega lá, fica quieto, faz a atividade e vai embora. Só que, meu, esses moleques não vêm para um baile funk de sábado, com treze anos de idade, fumar maconha. [...] O menino de treze anos diz: “Ah, fumei mesmo, não sei o quê”. O outro fala: “Esse aqui ficou doidão de lança e esse aqui tem que colocar uma platina no nariz dele”. Juro para você.

¹⁷ Renato afirma que fez Educação Física para virar técnico de futebol, “só que eu me desvirtuei lá dentro, queria conhecer o mundo fitness. Pensei: ‘nossa, isso aqui é mais legal, mais fácil, dá dinheiro’. Aí fiquei dois anos fazendo academia, ginástica e recreação. Depois, no quarto ano, voltei para o futebol”. Assim, após um período observando o “universo do fitness”, que abrange toda parte de ginástica e academia, Renato retornou ao esporte que conhece bem, porém então com o objetivo de ser professor de futebol em colégios e universidades. Com este fim, deu prosseguimento à formação na área esportiva, ingressando no curso de pós-graduação em esporte na Universidade Gama Filho.

E: Eles zoam com você?

R: Eu falo para eles, dou umas dicas, mas sou eu contra quarenta, sabe? Tem um moleque aí que o irmão dele é do PCC, ele tem treze anos. O próprio irmão dá um baseado para o moleque, dá uma latinha de lança para o moleque, se ele quiser beber, ele bebe. [...] É outro mundo, não dá para você comparar um Sírio Libanês, igual ao que o meu colega dá aula. Com certeza, a aula dele vai render muito mais, mas ao mesmo tempo, a minha também é boa. Duvido muito que ele vai chegar lá e vai ter que secar a quadra, como ontem. Se chover, eu tenho que secar a quadra para eles usarem. Até secar, eles já perdem tempo de aula. Chega na hora de fazer aula, têm trinta moleques e cinco bolas, aí você vai fazer atividade e nem todo mundo participa. Então, é assim. E outra: se você virar o inimigo deles, ferrou, ferrou. A única coisa que tem que fazer é virar amigo. Eu falo com eles na gíria deles: “Como é que você está, beleza? Eu falo bom dia, boa tarde e boa noite. Mas eles são gente boa, são todos inocentes, mas vão sendo criados num mundo assim. Têm uns aí que tem tudo para dar certo no mundo. Uns outros, está na cara que os moleques serão ladrõesinhos; sei lá, o moleque já tem jeito, já tem estilo.

Percebe-se, portanto, que o conhecimento prático tem um papel essencial no processo de ensino de futebol, não só devido aos aspectos internos ao próprio esporte, como também pelas características socioculturais vinculadas à modalidade. Mas é em outro domínio que esta forma de transmissão se revela mais proeminente. Tomado como principal instrumento da prática esportiva, é no corpo que as técnicas e mecanismos são inscritos, formando um dispositivo essencial para o jovem jogador. Contudo, a corporalidade futebolística dos jovens não pode se entendida somente por meio das questões de motricidade humana, visto que um conjunto plural de elementos está envolvido na aprendizagem, que ocorre em várias frentes.¹⁸

¹⁸ Embora seja uma entre outras questões focadas aqui, pretendo problematizar as noções de corporalidade enquanto apropriações metodológicas (Toledo, 2007, 256-257), evitando, assim, reificá-las tal qual “um descritor de pesquisa pronto, passível de ser recoberto pelos dados etnográficos”, ou ainda “como formas ilustrativas”. Como bem frisou Toledo (2007, 258-259), trata-se de pensar o corpo como “uma via metodológica para se alcançar um acesso novo ao objeto, pois é potencialmente conteúdo e forma, objeto e método da observação”. TOLEDO, Luiz H. de. Posfácio – Corporalidade e festa na metrópole. In: MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M.. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 255-266. 2007.

Para Mauss (2003a),¹⁹ uma análise das técnicas corporais não se restringe a fatores biológicos, psicológicos ou mesmo sociais, mas abrange a relação destes três planos. As técnicas corporais também são construídas socialmente por serem culturalmente transmitidas de geração a geração, variando conforme o contexto cultural, e tornam-se tradicionais por serem relevantes e atenderem aos interesses da sociedade em que se desenvolvem.²⁰ Esses interesses não podem ser apenas entendidos pela chave funcional-utilitária, mas também pela presença de elementos de eficácia simbólica – em gestos e atos rotineiros, como comer, nadar, dançar, caminhar etc. Deste modo, o homem, a partir das relações que constrói, faz de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações.

Portanto, trata-se de um processo de educação corporal construído em diferentes planos e que não ocorre de forma passiva, mas sim de uma forma marcada pela tensão entre quem ensina e os que são ensinados. Tensão que é carregada inclusive no corpo castigado. Tal como nas técnicas corporais do boxe observadas por Wacquant (2002),²¹ os jovens aspirantes a jogador passam por um processo de disciplina e adestramento corporal, social e moral, por meio do qual devem apresentar resistência à dor, representação importante no contexto futebolístico masculino. Universo no qual as cicatrizes e marcas no corpo surgem como resquícios e provas da participação e dos enfrentamentos característicos de quem pratica futebol.

Nesse caso, o corpo é amoldado como instrumento durante uma longa, cadenciada e dolorosa rotina de treinamento e dedicação. Um complexo processo de aquisição das técnicas corporais que não especifica, inicialmente, a duração temporal do investimento. Só nas categorias de base dos clubes de

¹⁹ MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003a. p.401 - 422.

²⁰ Numa definição sintética, as técnicas corporais são “as maneiras pelas quais os homens de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 2003a, 401). Na perspectiva maussiana, portanto, são técnicas ensinadas e transmitidas socialmente aos indivíduos por todo o coletivo, mas que podem ser interpretadas de diferentes formas, bem como se apresentarem de distintas maneiras em uma mesma atividade.

²¹ WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2002.

futebol, por exemplo, são gastas mais de 5.000 horas, como observou Damo (2007, 23).²²

Com a continuidade do processo de aprendizagem, as técnicas corporais vão se tornando complexas. Por exemplo: segundo Mauro, a compreensão tática da partida, o que ele chamava de “visão de jogo” ou ainda “leitura do jogo”, seria mais um dos atributos corporais que são ensinados e aprimorados na escolinha. Aprender a *ver* o jogo, portanto, era algo a ser treinado, para que os jovens conseguissem *ver* aquilo que era fundamental e valorizado dentro da partida. Assim como, segundo Mauro, aprender a *ouvir* dentro de campo as orientações, reclamações, gritos e avisos (por exemplo, “ladrão”): “Alguém tem que gritar e xingar num time, para acordar os outros”.²³ Tais técnicas são também adquiridas fora do espaço da escolinha, embora haja uma desvalorização do que é aprendido nestes outros espaços (Spaggiari, 2009).²⁴ Por enquanto, vale salientar que a corporalidade é também construída em outros espaços futebolísticos, como em seus desempenhos enquanto torcedores, ao gritarem, pularem, correrem etc.²⁵

Corporalidade construída, também, no contato das crianças e jovens com o futebol varzeano, ou mesmo na sexta-feira de manhã quando ocorre a partida de veteranos dos sócios do CDM, espaços nos quais atributos de masculinidade – como coragem, força, virilidade, respeito, malandragem, atrevimento etc. - são

²² DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007. 359 p.

²³ Como lembra Cohn (2002, 148), “olhos e igualmente ouvidos são essenciais, e devem ser fortalecidos nas crianças para que sejam cada vez mais capazes de aprender, de, mais do que testemunhar, compreender e apreender o que lhes é oferecido pela experiência”.

²⁴ SPAGGIARI, Enrico. *Meu professor é a bola : a dinâmica multifacetada do aprendizado futebolístico*. *Ponto.Urbe*, v. 5, p. 5, 2009.

²⁵ Masculinidades construídas de forma multifacetada, visto que não há apenas uma forma de ser homem. “Es importante tratar de captar esa diversidad de indicios y formas de conducta, entendiendo que la masculinidad no puede tratarse como algo estable y universal”, como lembra Archetti (2003, 157); para quem o futebol, em especial, é “una poderosa expresión masculina de las capacidades y potencialidades nacionales” (2003, 38). Trata-se, assim, de uma noção heterogênea de masculinidade que deve ser investigada em diferentes planos, já que “el estudio ‘total’ [...] debe incluir el trabajo, la familia, el parentesco, la religión y la política, siempre y cuando formulemos las preguntas apropiadas” (Archetti, 2003, 160). ARCHETTI, Eduardo P.. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003. 287p.

valorizados, sempre na dose certa e, na maioria das vezes, de forma bem humorada.²⁶ Na vivência com o futebol varzeano, portanto, tinha-se contato com exemplos de masculinidade para os jovens, “a partir do princípio fundamental de que só se aprende a ser homem com homens” (Guedes, 1998, 133),²⁷ inclusive por imitação. Uma aprendizagem “gestual, visual e mimética” (Wacquant, 2002, 120)²⁸ que ocorria em diferentes planos, mas que era articulada na dimensão do conhecimento prático. No processo de aprendizagem da prática futebolística, a mimese é decisiva para que o aluno encontre e desenvolva sua própria maneira de jogar.²⁹ Assim, observar, repetir e recriar são saberes imperativos para a formação dos futuros jogadores de futebol, conclusão próxima da análise de Guedes (1997, 197-223)³⁰ sobre a aprendizagem das técnicas corporais entre trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro, identificada no *saber fazer*.

Por um lado, há um mimetismo pautado pelo universo espetacularizado, com a recriação dos dribles, gestos, comemorações e ações dos jogadores, pois, como lembra Bracht (2003, 16), “a manifestação do esporte que ainda fornece o modelo para o esporte escolar é o de alto rendimento”.³¹ Por outro, a

²⁶ Momentos nos quais a sociabilidade entre homens é marcada por formas bastante agressivas e jocosas de interação, que podem ser compreendidas na relação concomitante de amizade e hostilidade, brincadeira e seriedade, próximas do que Radcliffe-Brown (1973) definiu como relações jocosas. RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1973. 272 p.

²⁷ GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p.

²⁸ WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2002.

²⁹ A faculdade mimética, segundo Taussig (1993), refere-se à capacidade de observar, imitar e copiar, criar outra natureza. TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York/London: Routledge, 1993. 299p.

³⁰ GUEDES, Simoni L. *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997. 355p.

³¹ Nas diferentes práticas futebolísticas não-espetacularizadas, é possível encontrar tanto formas diretamente cooptadas do chamado esporte de alto rendimento, assim como práticas que pouco ou não se assemelham na forma e sentido (Bracht, 2003, 17). Desse modo, concordo com a tese de que o esporte espetacularizado seja, de modo geral, o modelo de atividade para grande parte das práticas esportivas. Porém, esta influência é mútua, por fatores como recrutamento dos praticantes, consumo do esporte, uso comum das instalações esportivas etc. Ao buscar evidenciar as diferenças entre as manifestações esportivas, esquece-se de atentar para as semelhanças entre as práticas e as realimentações recíprocas. BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí, 2003. 136p.

convivência com adultos do universo varzeano, ou mesmo com outras crianças, também é mimética, como pude observar num jogo de futebol disputado numa das ruas que circunda no CDM. Felipe (95), o mais velho ali naquele momento, procurava dar dicas para Gabriel (98) sobre como chutar a bola e de qual posição, pedindo para o mais novo repetir seus movimentos. Disposição que repetiu quando Gabriel e outros meninos lhe pediram para ensinar alguns dribles. O garoto mais velho tentava realizar dribles difíceis e caçoava dos mais novos quando conseguia. Já os mais novos, que apresentavam menos habilidades, não conseguiam driblar Felipe, mas observavam e reproduziam, exaustivamente, os movimentos do garoto mais velho.

Trata-se, portanto, de um processo de aprendizagem traduzido corporalmente, assim como foi observado, com as devidas diferenças, no aprendizado indígena, no qual a corporalidade é também proposta como “um dos mecanismos centrais dos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos, habilidades, técnicas e concepções próprias à educação das crianças índias” (Lopes da Silva, 2002, 40).³² Situações tais como as pesquisadas por Lopes da Silva (2002)³³ entre os Xavante e Xerente de Mato Grosso trazem interessantes questões sobre o aprender e o ensinar: “Quem ensina, com quem se aprende, onde e quando? Qual a atmosfera que impregna situações de aprendizagem? Como são as relações entre gerações e entre gêneros nesses processos?” (2002, 51).³⁴ Questões que serão abordadas de forma mais detida nos próximos tópicos.

2.1 Rotina e treinamentos

A primeira atividade em todos os treinos era sempre o aquecimento, que consistia em corridas em volta do campo, em ritmos diferentes, ao longo de 10

³² LOPES DA SILVA. 2002. Pequenos “xamãs”: crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. e MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global. 2002. p.37-63.

³³ Idem

³⁴ Ibidem.

minutos. Organizados em duas filas, como se os jovens corresse em duplas separadas por um metro, o aquecimento começava com um ritmo mais lento, priorizando o “trote”; ao som do apito de Mauro, os alunos aceleravam a corrida por alguns minutos; nas últimas voltas, o ritmo diminuía até que Mauro orientava todos a pararem de correr e terminarem a última volta caminhando. Embora seja uma das partes do treino que menos seduz os alunos, era o momento e maior descontração, com brincadeiras entre eles.

Nos treinos de terça-feira e quarta-feira, as atividades seguiam a seguinte ordem: corrida de 10 minutos em torno do campo, exercícios físicos com os equipamentos à disposição (cones, bolas, arcos, cordas etc.) e, por fim, atividades diretamente com bolas (condução, cruzamentos, finalizações a gol, cabeceio e troca de passes). Após o aquecimento, portanto, começavam os treinamentos sem bola, como dar pequenos piques de um cone a outro, saltar bolas e cones, driblar cones e fazer zigue-zague em arcos de borracha (semelhantes aos bambolês). Estas atividades duravam em média uns 10 minutos. Em seguida, vinham os treinamentos com bola, utilizados para aprimorar o domínio de certos fundamentos: controle e domínio de bola (driblar cones e correr com a bola), chutes a gol, cabeceios, cruzamentos etc. Estas atividades visavam simular algumas situações de jogo, repetindo-as diversas vezes. Para as turmas de terça-feira, composta pelos alunos com idade entre 7 e 12 anos, Mauro organizava, ocasionalmente, um pequeno “rachão”, utilizando somente metade do campo.

Na quinta-feira e sexta-feira, Mauro iniciava as atividades com 10 minutos de corrida em volta do campo. Após a corrida de aquecimento, Mauro reunia os alunos em uma extremidade do campo para iniciar a formação das duas equipes que disputariam o coletivo. Sentados em volta do professor, os jovens esperavam a distribuição dos coletes. Em seguida, Mauro iniciava a distribuição de coletes para formar os times. Este era o único momento que se aproximava de uma preleção, com todos os alunos sentados em volta do professor, embora Mauro pouco falasse com os alunos: o objetivo principal era a distribuição dos

coletes, assim, formando os times.³⁵

Como funcionava a escolha da posição? Mauro sabia a posição da maioria dos alunos, sendo os próprios que indicavam onde queriam jogar. Quando ficava em dúvida, Mauro perguntava, por exemplo: “quem é zagueiro?” Após alguns levantarem as mãos, ele escolhia e entregava o colete. Certa vez, quando um garoto novo chegou ao CDM, Mauro perguntou em que posição ele jogava. O garoto afirmou que não sabia. Acabou por jogar de zagueiro. Conversando com Mauro após o coletivo, ele confidenciou que a escolha foi fácil: “o moleque é alto, forte... meio gordo, até. E pelo jeito que ele falou, e no modo como correu, percebi já que não era habilidoso, bom de bola mesmo”. Nos treinos seguintes, na distribuição de coletes, o garoto incorporara a posição e levantava a mão quando Mauro perguntava: “tem algum zagueiro?”. Isso era pouco comum, pois a maioria jogava de meio-campo ou atacante. Goleiros, por outro lado, embora poucos, eram de fácil identificação. Já vinham aos treinos vestidos com calças longas, camisas de manga comprida e de luvas. Raul (91), por exemplo, quando perguntei o porquê de jogar como ponta-esquerda, respondeu: “Porque no meio eu corro mais. E eu não sou jogador muito de marcar”.

Parte dos alunos não iniciava o coletivo jogando, mas sim sentada no banco de reservas. Ao longo do treino, Mauro fazia as substituições, para que todas as crianças e jovens pudessem jogar. Na escolha das equipes, Mauro dizia que procurava formar equipes equilibradas para que o jogo fosse mais disputado. Era, porém, era muito criticado pelos alunos. Segundo estes, o professor formava panelinhas, utilizando sempre os mesmos desde o começo e outros no banco de reservas no início dos coletivos. Ao longo dos treinos, estes entravam paulatinamente. “Ele sempre pega primeiro aqueles moleques, como se fosse o time titular dele, aquele que ele gosta de ver jogando junto” sugeriu Anderson

³⁵ Foram raros os momentos em que pude observar rodas de conversa entre professor antes ou depois das aulas, como é proposto por Freire (2006, 11). Portanto, os momentos comunicativos mais coletivos ocorriam somente na distribuição dos coletes antes dos rachões e coletivos. FREIRE, João B. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Autores Associados, 2006. 98 p.

(91), ex-aluno da escolinha, que assistia alguns treinos comigo. Apesar das reclamações e questionamentos ocasionais, a maioria dos jovens procurava não criar problema, para não ser afastada dos treinamentos.

No coletivo, Mauro conduzia a partida como se fosse técnico dos dois times, cobrando dedicação e precisão nas jogadas. Assumia, também, o papel de árbitro, munido do seu apito, assinalando faltas, laterais e escanteios.

E: Em relação a alguns treinos, como o treino coletivo, é para trabalhar o quê no garoto?

Mauro: Para treinar, por exemplo, domínio e toque rápido. Seria para não perder a bola. Domínio e toque. Coletivo já é treino de preparação para o jogo, aí que você vai demonstrar sua habilidade, seu modo de jogar, só driblar todo mundo. A gente já vai tirando os defeitos daí.

E: Qual a maior dificuldade para eles? Qual a maior dificuldade de jogar futebol?

S: Muitos têm tudo. A gente vai tirando os defeitos. Até os dez anos muitos deles não tirou ainda. É treinar para aprimorar. Os mais velhos, com quinze e dezessete anos, já sabem um pouco. Já vêm com mais bagagem, mais tempo de treinamento. Ele já está com mais aprendizado. Já está ficando pronto para tomar rumo na sua vida, jogar ou não jogar.

Além disso, durante o coletivo, Mauro gerenciava a circulação e ações que ocorriam no banco de reservas, onde as crianças e jovens alternavam momentos de atenção no jogo com outros de brincadeira e paquera. Os jovens conversavam, “tiravam sarro” de quem estava jogando, narravam e comentavam o jogo, combinavam jogadas para quando entrassem etc. Se alguma menina parava perto ao banco para conversar, logo começavam a investir numa conversa. Durante os treinos, inúmeros temas pautavam as conversas entre as crianças e jovens: as partidas de futebol do fim de semana ou do dia anterior, as festas do final de semana, os shows de hip-hop, o baile funk de sábado no salão de festas do CDM, o cotidiano nas escolas, oportunidades de emprego, testes e peneiras agendadas etc.

As conversas antes e depois dos treinos se restringiam aos alunos. Mauro e Valdir não interagiam com as crianças e jovens, interferindo pouco no cotidiano deles fora da escolinha. Embora soubesse quase tudo sobre cada aluno – com

quem namora, quem tem filhos, os que já tiveram problemas com a polícia, quem pratica roubos, quem gosta de bebedeira etc. –, Valdir preferia não intervir: “Tento orientar e ajudar, mas não sou pai deles”. Em certos momentos, dava sermão em alguns jovens, como no caso de Bruno (92), que aos dezesseis anos já era pai de um garoto. Deste modo, Valdir procurava, em certas ocasiões, aproximar-se dos alunos, embora não pretendesse fazer da escolinha do CDM um espaço de proteção em relação à rua.³⁶

Por fim, após o coletivo, todos se dirigiam à bica de água, que fica entre os dois banheiros, masculino e feminino. Na fila para se refrescar, as brincadeiras retornavam, com comentários jocosos sobre o que acontecera na partida, os principais lances, os gols, as piores jogadas etc. Enquanto alguns se trocavam nos vestiários, outros esperavam a distribuição das merendas e a devolução do RG ou da carteirinha da escola.

Este modelo de treinamento aplicado por Mauro era, continuamente, criticado por Valdir. As críticas se dirigiam a diferentes aspectos, mas principalmente a dois: primeiro, a ausência do alongamento, essencial, segundo Valdir, para o aquecimento muscular e para amaciar as articulações corporais; segundo, a pouca ênfase nos diversos fundamentos da prática, que levava Valdir a vociferar reiteradamente “Essa sua molecada, Mauro, não sabe nem bater um lateral”.

Pude acompanhar, em alguns sábados, a tentativa de Valdir de montar equipes com garotos da Cidade Líder com idade entre 12 e 17 anos. Nos poucos dias em que houve treino, já que em certos dias o número de alunos não passava de dez garotos, Valdir apresentou outra rotina de treinamento, que começava 8h30 e terminava 11h: iniciava com 25 minutos de corrida em volta do campo, depois organizava uma sessão de alongamento que durava 10 minutos,

³⁶ O CDM não poderia ser entendido enquanto um espaço moralizante e agregador, em oposição às ruas do bairro, tal como pensado por Wacquant (2002) num bairro negro de Chicago. A socialização vivida no CDM perpassa por questões ilegais, violentas e desagregadoras, o que problematiza o enfoque dado pelo poder público aos projetos sociais que utilizam o esporte como instrumento educativo e socializador para ocupação do tempo livre. WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2002.

para em seguida repassar os exercícios físicos durante 25 minutos, depois comandava 30 minutos de atividades com bola para o ensino de fundamentos e, por fim, arbitrava um coletivo de 1h, sendo os primeiros 30 minutos de “dois toques”.

A ênfase nos exercícios físicos nas atividades com crianças e jovens não era questionada pelos pais, embora os jovens sempre reclamassem. Mas não todos: “O principal no CDM é pegar o ritmo, pegar um físico, fôlego a mais. É bom fazer um físico”, afirmou Leandro (91). Ênfase que é motivo de preocupação para diversos profissionais, como lembra o ex-jogador Raí (2005, 17)³⁷ em seu manual: “Não adianta forçar a barra desde cedo. No começo, o importante é brincar e se divertir”.³⁸

Para Valdir, porém, os exercícios eram indispensáveis, principalmente porque, segundo o coordenador, as crianças não praticavam outros esportes, somente futebol.³⁹

Se você não faz um alongamento, um exercício físico, um trabalho de educação física, não tem como você ter fôlego para correr em cima da bola, correr e parar a bola, não é verdade? Você fala para o cara correr, ele está aha...aha (*fazendo som de estar sem fôlego*) cansado. Como ele vai chegar na bola? [...] Hoje o futebol é preparo físico, é força, entendeu?

Além disso, e diferente de Mauro, Valdir preferia parar os treinos ou o coletivo sempre que um aluno errava, pedindo ao jovem para corrigir o

³⁷ RAÍ; FRANCINE, S.; LACOMBE, M. *Para ser jogador de futebol: dicas de um campeão para você se tornar um jogador profissional de sucesso*. São Paulo: Jaboticaba, 2005. 128 p.

³⁸ O CDM não poderia ser entendido enquanto um espaço moralizante e agregador, em oposição às ruas do bairro, tal como pensado por Wacquant (2002) num bairro negro de Chicago. A socialização vivida no CDM perpassa por questões ilegais, violentas e desagregadoras, o que problematiza o enfoque dado pelo poder público aos projetos sociais que utilizam o esporte como instrumento educativo e socializador para ocupação do tempo livre. WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2002.

³⁹ Poucos jovens confirmaram já terem se dedicado a outros esportes, sendo que somente uma vez apontaram um esporte que não faz parte do currículo escolar. Gabriel (91) afirmou ter frequentado uma academia de boxe de Ferraz de Vasconcelos, quando morava na cidade com a avó materna. “Para quem já lutou boxe, os treinos da escolinha são moleza”. Tal esforço durou pouco tempo, devido à falta de perspectiva de uma profissionalização no esporte, assim como a grande improvisação no uso dos aparelhos e equipamentos de boxeador. “Futebol é mais fácil”, resumiu Gabriel.

fundamento ou mesmo para impor um castigo (normalmente, a realização de um exercício físico ou uma corrida em volta do campo). Os castigos eram comuns na aula do Valdir, que interrompia o coletivo sempre que alguém errava um fundamento ou o posicionamento em campo, para corrigir o que fora feito errado:

Eu chamo a atenção deles. Errou, eu pego no pé, converso com eles, brinco com eles, troco ideia com eles, na moral. Mas se errar, eu vou chamar a atenção, e eles me respeitam, ficam quietos. Estou chamando atenção porque está errado. Já com nosso amigo aí [Mauro] não é assim, entendeu?

A ênfase dada por Valdir às repetições exaustivas dos fundamentos e jogadas demonstrava, novamente, a orientação pautada pelo conhecimento prático. Os erros nos chutes a gol eram os mais corrigidos e criticados por Valdir, tanto quando o jovem acertava ou errava o alvo. Se acertava a meta, Valdir reclamava da pouca força do disparo, para ele, reflexo da falta de empenho nos treinos. Era frequente Valdir, antes apelidado de “canhão da vila”, colocar-se como exemplo:

Eu comecei a chutar forte assim porque eu joguei muita bola na praia, futebol de praia, e a turma pegava aquela câmara de ar, enchia ela e enrolava com barbante para poder você jogar. Aquilo quando molha, fica muito pesado. E a bola naquela época era também de couro e quando ela molhava, se ela pesava quinhentos gramas, a bola ficava com um quilo, um quilo e meio, entendeu? O cara, pô, pega para chutar, ele machucava até o pé. Precisava saber bater na bola. Quanto mais você abaixa o corpo, mais você tomba a perna para trás e solta. Aí você bate certo na bola, entendeu? Com a idade que eu estou, pego para brincar, ainda dá. Ontem, no meu treino aí, eu fiz um golaço de falta. Mas eu quando eu jogava bola, qualquer time que eu jogava o batedor era eu, porque eu tinha visão para gol limpo, de escanteio, eu fazia gol de oitenta, setenta jardas. O meu potencial era esse. Eu colocava bola onde eu queria, no seu peito, na sua cabeça, para cabecear e fazer o gol, entendeu?

Após um coletivo, Valdir ensaiou algumas tentativas de rápidas “palestras” sobre diversas questões: espírito de equipe, disciplina, companheirismo,

pontualidade, honestidade, respeito ao adversário etc. Para esta parte final do treino, Valdir dispunha de uma folha de papel timbrada, com o nome do CDM e seu endereço, por meio da qual explicava quais os princípios que jogadores de futebol deveriam respeitar e seguir. Tais diretrizes se aproximavam das propostas da maioria dos projetos sociais, que compreende a socialização esportiva enquanto um espaço para liberação de pulsões juvenis e adesão às convenções sociais; o espírito de equipe na prática esportiva, por exemplo, seria um atributo importante para a vida em sociedade.

Mas alguns desses valores, quando inseridos na lógica futebolística, geravam transtornos. No intervalo de um jogo do CDM Cidade Líder, válido pelo Campeonato Mais Esporte, em novembro de 2007, Clauber (94) questionou Mauro sobre o porquê das reclamações quanto ao fato de ter assumido que tocara a mão na bola numa jogada próxima à lateral do campo. Na ocasião, o árbitro não tinha percebido o toque e dera continuidade à jogada, o que fez Clauber avisar que havia tocado na bola com a mão. Mauro reclamou da atitude do jovem, que retrucou: “Mas eu toquei a mão na bola. Ele perguntou e eu respondi. Era para mentir?”. Mauro não respondeu.

Ao mesmo tempo em que prega o jogo limpo (o famigerado *fair play*), Mauro muitas vezes usou a expressão “falta de malandragem” para justificar os maus resultados das equipes do CDM em amistosos. A malandragem, nesse sentido, era valorizada. Usar o corpo para cavar faltas, deslocar o adversário, fazer cera, levar a uma expulsão do adversário é uma qualidade importante, segundo Mauro: “O moleque tem que ter pelo menos um pouco de malandragem, senão não sobrevive no mundo do futebol”, atributo este que faltava à sua equipe naquele momento. Portanto, ao mesmo tempo em que prega o *fair play* e o respeito ao adversário, incentiva as medidas necessárias e que não escapam às regras, necessárias para a formação do jogador. Tudo realizado dentro dos valores aceitos socialmente, influenciados diretamente pela educação escolar.

Mauro e Valdir, portanto, procuravam recriar, na escolinha, o espaço hierárquico característico das escolas, marcado pela autoridade e disciplina.

Porém, a concentração e o respeito mantido na escolinha deviam-se mais ao interesse das crianças no conteúdo e métodos de ensino do que ao espaço disciplinar criado. Se a escola não oferecia atrativos para as crianças e jovens, a prática futebolística, em contraposição, despertava o interesse dos alunos e a vontade deles de permanecer na escolinha, levando a um melhor comportamento dos jovens naquele espaço. Portanto, tratava-se de um modo de disciplina diferente das tentativas reguladoras das escolas de ensino fundamental e médio. Na escolinha, a disciplina estava pautada, principalmente, pelo respeito ao saber futebolístico de Mauro, valorizado e almejado por grande parte dos alunos. Valorização e interesse explorados pelas políticas sociais no desenvolvimento de projetos esportivos para crianças e jovens (Decache-Maia, 2003),⁴⁰ como veremos a seguir.

3. Amadores e profissionais: a reciprocidade do dom

As discussões e desentendimentos entre Valdir e Mauro evidenciavam diferenças no ensino que já foram um pouco aludidas aqui, porém não suficientemente. Para Valdir, Mauro não sabe se relacionar com as crianças. “Ele não sabe o nome delas... vive dando apelidos. Basta ser mais escurinho para ser chamado de Pelé”. Embora os apelidos futebolísticos não sejam gratuitos (Agier, 1999, 102-103),⁴¹ cinco garotos tinham esse apelido no CDM Cidade Líder, o que levou Valdir a não mais distribuir os lanches conforme a devolução do documento de identidade, tendo passado a tarefa para Mauro, para que decorasse o nome da maioria dos garotos.

⁴⁰ DECACHE-MAIA, E. Esporte e políticas públicas na virada do milênio: o caso de Niterói. 2003. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

⁴¹ Agier realizou uma observação participante, chegando a disputar uma partida de futebol com os demais atores locais; foi o suficiente para que perdesse o apelido Michel Platini que recebera antes do jogo. Como o próprio autor ressalta, os apelidos estigmatizam um fato, uma atitude ou uma mania da pessoa, portanto, não são gratuitos (entre os participantes, temos King por causa do Pelé, Manteiga por ser sentimental e ligado à família, Maluco por causa da adolescência fogosa) (1999, 102-03). AGIER, M. *L'invention de la ville*. Paris: Ed. des Archives Contemporaines. 1999.

A forma de ensino utilizada por Mauro já causara, em sua primeira passagem pelo CDM no começo da década de 1990, seu afastamento da escolinha. Segundo Celso, dono do bar do CDM Cidade Líder, Mauro “era boca suja com a molecada. Mandava o moleque: ‘Vai tomar no seu cu, vai se foder’. Aí os pais começaram a se afastar, tirar a molecada do treino. Aí saiu o Mauro e veio o Félix [*goleiro titular da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970*] para cá”. Mauro retornou para o CDM Cidade Líder anos depois, porém com um novo modo de se relacionar com as crianças e jovens, mas que ainda era considerada virulenta e desrespeitosa por parte dos alunos e frequentadores do CDM:

Para fazer as coisas você tem que ter jogo de cintura, tem coisa que você não pode ser duro, tem que chegar na manha. Tudo que você vai fazer hoje em dia, se não tiver jogo de cintura, você não consegue nada. Se for na ignorância você não consegue, entendeu? Você não consegue nada. Então, você tem que fazer o quê? Tem que ir de boa. Ir de boa com os caras, conversar, trocar ideia: “O que aconteceu com você, por que você fez isso ou você não está jogando o que você sabe jogar? Você sabe jogar bola, porque você não vai lá e joga”, você está entendendo? Tem que conversar com os caras (Valdir – coordenador do CDM Cidade Líder).

Segundo alguns frequentadores do CDM, Mauro era um péssimo exemplo para as crianças, corroborando, assim, as afirmações de Valdir. Admiravam o atleta que um dia Mauro fora, porém condenavam a forma como ele direcionou sua vida após encerrar a carreira, o que Mauro reconhecia sem maiores problemas: perdeu tudo com bebidas, mulheres e péssimos investimentos. “Arrependo-me de umas coisas que deixei passar quando era mais jovem, tipo investimento, que eu não fiz porque não tinha muito conhecimento. Alguns imóveis que eu não comprei porque eu não quis ir atrás. Disso você se arrepende, mas outras coisas não”. Além disso, apresentava alguns problemas físicos, reflexos da carreira de jogador: “água no joelho”, dor nas costas e inchaços. “O joelho já incomodou. Já teve água, teve torção, entendeu? Agora eu parei, jogo mais na várzea, em seleções de veteranos, máster. De vez em

quando eu jogo no máster do Palmeiras, quando tem convite”.

Valdir tinha o costume de realçar uma suposta incapacidade do Mauro. “Jogar futebol era a única coisa que ele sabia fazer. Ele vivia numa mamata, faziam tudo para ele. Hoje não consegue nem trocar uma lâmpada. Imagina então arranjar trabalho por aí, não sabe fazer nada. Além disso, ele está quebrado, o corpo detonado”.⁴² Embora Valdir exagere na crítica, é importante ter em conta que a aposentadoria da prática esportiva dita profissional ou de alto rendimento é sim alvo de preocupação de especialistas das áreas de fisiologia, medicina esportiva, psicologia e educação física.

A carreira futebolística exige anos de preparação. A parada abrupta dos treinamentos exige uma rápida readaptação a uma rotina nova, diferente da vivida durante a carreira esportiva: “A volta das férias já era difícil, pois era mais de um mês sem ficar treinando”, afirmou Mauro, que lembra ter ficado parado um bom tempo por causa de uma lesão e teve dificuldade no retorno aos gramados. Se um mês parado já exige um trabalho intenso de recondição, como avaliar o término definitivo da carreira? Como afirmou Mauro: “Sempre dá saudade, porque a gente pensa que nunca vai parar de jogar. [...] Tem vez que eu falo: ‘Pô, o quê eu fazia? Quando eu jogava, eu fazia isso’. Mas agora não faço mais”.

Ao deixarem de realizar os treinamentos a que estavam acostumados, bem como participar de eventos esportivos, ex-atletas e ex-jogadores se deparam com uma nova realidade corporal. O corpo que fora preparado, por meio das atividades físicas, para a carreira esportiva, exige agora uma rotina diferente da

⁴² Mauro estaria, segundo a classificação anônimo, fama e ostracismo proposta por Souto (2000), no ostracismo, quando, após o encerramento da carreira esportiva, muitos jogadores enfrentam diversas dificuldades. São inúmeros os casos, alguns levantados pelo autor, de jogadores que tiveram rumos tristes após o encerramento das carreiras, como o goleiro Jaguaré, que atuou nas décadas de 20 e 30, e Garrincha, jogador do Botafogo e Seleção Brasileira nas décadas de 50 e 60. Tal como Mauro, diversos ex-jogadores não têm condições de exercer qualquer outra profissão quando encerram as carreiras. Afastados do futebol após certa idade, por não disporem mais das qualidades físicas necessárias para acompanharem os jovens jogadores, muitos procuram permanecer próximos ao universo futebolístico. Tornam-se treinadores, membros de comissão técnica, empresários e agentes, dirigentes de clube e federações ou comentaristas esportivos de diferentes mídias. SOUTO, Sérgio M. *Os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismo*. São Paulo, Graphia, 2000. 112 p.

vivida pelos atletas, mas diferente também da rotina dos não atletas. Trata-se de um corpo a ser reeducado, paulatinamente, para uma vida cotidiana que continuará atlética, porém não voltado ao esporte de alto rendimento. Desse modo, tudo o que o esportista ou jogador procurou ganhar desde muito jovem ao se dedicar aos exercícios esportivos, o programa de *destreinamento* visa fazer com ele perca por meio de reduções no volume de treinamento da antiga rotina.⁴³

No caso dos jogadores de futebol, especificamente, parar de jogar pode trazer malefícios ao corpo: é comum o aumento de peso, perda de massa muscular e intensificação de problemas físicos e psicológicos. O aumento de peso decorre da diminuição do gasto calórico, ao mesmo tempo em que não há a mesma diminuição do consumo calórico. O peso maior inflige um maior impacto nas articulações, que ocasiona problemas físicos, por exemplo, nos joelhos, como é o caso de Mauro. Para estes casos, propõe-se a realização de um *destreinamento*, um programa de transição gradual da carreira esportiva. “Não tem nem como comparar o Mauro-jogador e o Mauro-professor da escolinha. Dá até pena do que ele virou”, afirmou Gilvan, sócio do CDM.

Contudo, enquanto Valdir, frequentadores do CDM e pais de alunos mostravam-se preocupados com os problemas enfrentados por Mauro após o encerramento da sua carreira como jogador, muitos garotos, na contramão, enalteciam a experiência de Mauro, comparando à vivência de Valdir na várzea: “O Valdir só jogou na várzea, igual a tantos outros. O Mauro jogou no Palmeiras, pô. O cara tem que ter o dom para chegar aonde chegou”, afirmou Leandro

⁴³ Destreinamento é um termo conhecido nas Ciências do Esporte, relacionado à perda de condicionamento nos atletas de inúmeros esportes. Pouco usual no Brasil, o programa de destreinamento é comum em outros países, como Estados Unidos e Cuba. Acompanhei, durante os dias 18 e 19 de fevereiro, o Seminário Internacional de Destreinamento e Transição de Carreira Esportiva, realizado na Faculdade de Medicina da USP, no qual diversos palestrantes (ex-atletas e especialistas brasileiros, americanos e cubanos) abordaram as diversas etapas da carreira dos atletas, desde a iniciação esportiva até a prática voltada ao alto rendimento. Em diversas falas, foi enfatizado que a política de transição e destreinamento deveria ser iniciada ainda na preparação da criança e do adolescente para o esporte, principalmente no trabalho nas categorias de bases dos pequenos e grandes clubes, e não somente ao término da carreira, período no qual as conseqüências insurgem. O destreinamento seria o ponto final do processo de transição, que começaria nos primeiros passos do atleta no esporte.

(91). Era esse dom que os formuladores do Mais Esporte – um exemplo de projeto social construído sobre a experiência futebolística de ex-jogadores profissionais, empregando-os como difusores esportivos – procuravam enfatizar ao destacarem a presença de ex-jogadores como difusores esportivos do projeto. A ênfase nos difusores presumia que a trajetória de sucesso como jogador de futebol e prestígio dos ex-jogadores seriam um diferencial no trabalho com os jovens. Tem-se, assim, uma nova etapa da curta carreira do jogador.

Trata-se de uma aposta numa possível *retribuição do dom* (Guedes, 2007)⁴⁴ por meio dos difusores. Após se aposentar dos gramados, antes mesmo dos 40 anos, a trajetória futebolística é prolongada, atuando a partir de então no plano pedagógico, uma forma de *retribuição do dom*: o que esse ex-jogador recebeu e que lhe permitiu vivenciar o universo espetacularizado teria de ser retribuído à sociedade, numa lógica próxima ao princípio da reciprocidade maussiano (Mauss, 2003b).⁴⁵

E: Você gosta de dar aula?

Mauro: Eu gosto porque é um complemento do futebol. É um complemento porque parece que você está jogando ainda, parece que você não parou, sabe? Então faço o que eu gosto, estou contente. Eu gosto disso daqui. Eu não sei ficar preso num escritório. Se eu arrumasse um emprego de escritório, eu não aguentava [...] A molecada às vezes dá umas canseiras na gente, mas a gente está aí. Graças a Deus, recebi este dom. Já estou a dezoito anos nessa profissão e vamos levando, tentando ajudar a garotada, ensinando um pouco do que eu sei.

A reciprocidade do dom, porém, não seria completa, segundo Mauro: “eu tinha o dom, porém era algo meu. Não tem como passar isso, ensinar uma criança a ser jogador de futebol do nada. Ela já tem que ter alguma coisa, um

⁴⁴ GUEDES, Simoni L. “As formas de retribuição do dom em perspectiva comparada”. In: 31o. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 2007, Caxambu - MG. 31º. Encontro Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, 2007. p. 258-259.

⁴⁵ MAUSS, Marcel. _____. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003b. p.185 – 314.

dom dela”.⁴⁶ Assim, a reciprocidade estaria nas formas de troca possíveis: do que tem o dom orientando, de sua posição privilegiada, aqueles que não têm, mas que podem aprender até certo ponto, e aqueles que têm o dom, mas que devem tirar proveito do mesmo: “Vi muito cara que tinha o dom, porém não queria saber de nada, tinha preguiça de treinar e correr. O que deu? Não deu em nada”, afirmou Mauro.⁴⁷

Embora este *contradom* seja, segundo Mauro, sua principal motivação no trabalho com as crianças, o ex-jogador enfatiza que antes de tudo aquele é o seu “ganha pão” e depende dele para se manter. Contudo, existem diversas formas de prolongar este vínculo futebolístico: tornar-se treinador, comentarista midiático, político, professor de escolinha de futebol etc. Esta última não é, porém, a forma de prolongamento almejada por Mauro, que pretende iniciar uma carreira de empresário de jogador. Nas palavras de Mauro, percebe-se que a *retribuição do dom* por meio do ensino acarreta em novos vínculos e outras formas de reciprocidade:

Mais para a frente, pretendo empresariar. Se tiver uma oportunidade, conversando com os meninos aí, principalmente para ajudar eles que têm vontade de ser jogador; se a gente puder dar um empurrão, a gente dá. Mas também não adianta fazer isso para levar lá e depois os outros pegarem e você ficar a ver navio...

⁴⁶ “Enfim, dom é, fundamentalmente, um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo que não está disponível [...] Só o contexto dirá, efetivamente, o que está em jogo quando o termo dom é usado” (Damo, 2007, 199). Para além de uma ampla discussão sobre o dom, a questão que permanece é compreender o ensino e aprendizado da prática futebolística, visto que dom e treinamento são categorias entrelaçadas nos discursos nativos e articuladas de forma constante. Articulação que se explica pela multiplicidade de interpretações, como foi pesquisado por Arlei Damo (2007), que verificou dois significados complementares: dom como sinônimo de talento e como sinônimo de dádiva. DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007. 359 p.

⁴⁷ Neste caso, o dom serve como elemento disjuntor entre os grupos de jogadores comuns e os craques. O craque seria aquele que tem o dom, mas que não teria dispensado a dedicação nos treinamentos ao longo de sua formação.

4. Considerações finais

O advento e proliferação das escolinhas de futebol, principalmente a partir da década de 1980, trouxe novas formas de se pensar o futebol brasileiro, com a valorização das demandas do universo espetacularizado, alicerçadas na nova ordem de formação de jogadores. Contudo, é possível observar uma pluralidade de sistemas de ensino, pautados por preocupações e objetivos dos mais diversos (ver Guedes, 1998; Pimenta, 2001; Santos, 2007).⁴⁸ No caso do CDM Cidade Líder, o conhecimento científico e racionalização dos métodos eram temas muito mais presentes no discurso dos coordenadores e formuladores do projeto do que propriamente nas atividades diárias da escolinha. Os métodos e técnicas de treinamento acionados por todos - Mauro, Renato e Valdir - se amparavam na transmissão prática e corporal do esporte aos alunos, porém se diferenciavam no que diz respeito à concepção e formação de quem ensina o esporte: Renato, graduado em Educação Física; Mauro, ex-jogador de futebol profissional; Valdir, veterano do futebol varzeano. O que permite retomar uma discussão envolvendo os usos e discursos em torno da dicotomia *amadorismo* e *profissionalismo* no futebol brasileiro por meio das diferentes concepções de ensino-aprendizagem de boleiros com trajetórias distintas dentro do universo futebolístico.

Além disso, vale realçar que todos – teóricos e práticos, amadores e profissionais – acabavam por preterir e deslegitimar, em alguns pontos, os modelos espontâneos de formação. Porém, foi possível perceber que a proposta de estudar o ensino de um saber futebolístico não pode vir desacompanhada da ideia de aprendizado da parte das crianças e jovens, sujeitos ativos na construção das dinâmicas das atividades locais e dos processos educativos. Tal qual uma antropologia da criança vem, há tempos,

⁴⁸ GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p. PIMENTA, C. A. M *O Processo de Formação do Jogador de Futebol: sonhos, ilusões, frustrações e violências*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2001. SANTOS, C. J. Dos. *Futebol se aprende na escola*. São Carlos, 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, 2007.

justificando e defendendo (Cohn, 2005).⁴⁹ Assim, a construção de um saber futebolístico deve ser compreendida a partir da complementaridade entre as diferentes práticas na escolinha, na rua, e em outros espaços, e não somente nos espaços tradicionais de ensino. É possível observar, nas imediações da escolinha e em todo o bairro, um recorte etnográfico repleto de ambientes dos mais diversos para a aprendizagem do futebol.⁵⁰ Além do campo de várzea e da quadra poliesportiva do CDM, há uma escola pública ao lado, ruas usadas para brincadeiras e jogos, terrenos baldios, lanhouses; ou seja, trata-se de um saber acionado e trabalhado em diferentes espaços que permeiam o dia a dia das crianças e jovens. A aprendizagem, portanto, não pode ser dissociada das experiências cotidianas dos alunos do CDM Cidade Líder, seus lugares de encontro e sociabilidade, bem como de vizinhança e pertencimento. Evidencia-se, assim, um processo de ensino-aprendizagem que envolve mais do que técnicas, táticas e regras. Como observou Guedes (1998, p.124):⁵¹

o processo de transmissão que está em jogo é mais amplo e implica na exposição dos socializando a significados naturalizados e objetivados em comportamentos, relações sociais e obras culturais. Inclui, portanto, uma série de atos não planejados e não conscientes, que se transmitem e são internalizados através da interação cotidiana, do estar lá e partilhar o mesmo espaço cultural [...] Trata-se, portanto, de apreender significados “praticados”, confirme já observei, que se realizam em situações sociais concretas na qual emergem relações e recortes sociais variados...

Atrelados a um universo relacional futebolístico, marcado pelo encontro

⁴⁹ COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 60 p.

⁵⁰ Em artigo anterior, analisei a convivência pedagógica entre as brincadeiras de rua, aulas de escolinha de futebol, partidas de futsal, atividades nas aulas de Educação Física, games virtuais de futebol etc; observei, para além do campo de futebol e da quadra poliesportiva, certos locais específicos de internalização do saber futebolístico vinculados ao CDM Cidade Líder: espaço do futebol e brincadeiras de rua; espaço (masculino e adulto) do bar do CDM, utilizado para disputas futebolísticas e várias brincadeiras nos horários de não funcionamento; as pontuais observações que fiz em duas lanhouses próximas ao CDM, após notar como certas atitudes e ações adotadas pelas crianças e jovens nos treinamentos comandados por Mauro faziam referência ao futebol jogado no videogame.

⁵¹ GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p.

Disputas, conflitos e articulações na construção do saber futebolístico

| Enrico Spagiari

de gerações e por diferentes trajetórias de vida, crianças e jovens têm acesso a propostas e percepções de ensino e formação diferenciadas, porém nem sempre discordantes. Assim, o ensino-aprendizagem deve ser analisado como um processo imerso num quadro amplo de atores – Valdir, Mauro, Renato, pais, professores, amigos, outros praticantes etc. – e compreensível somente de forma relacional.

Recebido em 13.01.2014

Aprovado em 27.05.2014